



IV SINGEP

Simposio Internacional de Gest3o de Projetos, Inova3o e Sustentabilidade
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SISTEMAS PARA MENSURAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE EM USO NO BRASIL

CELSO GIANCARLO DUARTE DE MAZO

Centro Universit3rio Uninter - UNINTER
giancarlo.mazo@gmail.com

MARIO SERGIO CUNHA ALENCASTRO

Centro Universit3rio Uninter - UNINTER
mario.a@uninter.com

NELSON PEREIRA CASTANHEIRA

Centro Universit3rio Uninter - UNINTER
nelson.c@uninter.com



ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SISTEMAS PARA MENSURAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE EM USO NO BRASIL

Resumo

Sistemas de indicadores para mensuração da sustentabilidade têm sido propostos para atender à crescente necessidade de se aferir o quanto empresas e organizações estão atendendo os pressupostos do Desenvolvimento Sustentável, em suas dimensões econômica, social e ambiental, no sentido de promover mudanças de comportamentos, fomentar ações e subsidiar decisões na área socioambiental. Assim, pretende-se com este artigo apresentar o resultado de uma pesquisa cujo objetivo foi identificar e avaliar comparativamente algumas das principais metodologias de avaliação para mensurar a sustentabilidade do desenvolvimento utilizados no Brasil. O ponto de partida foi, com base num estudo bibliográfico, promover uma análise comparativa de algumas das principais metodologias que se destacam no cenário local e internacional, que são: o Global Reporting Initiative (GRI), os Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos e o Balanço Social do IBASE.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Desenvolvimento Sustentável; Indicadores; Sistemas de Mensuração.

Abstract

Systems of indicators for the measurement of sustainability has been proposed to meet the growing need to assess how companies and organizations are given the assumptions of Sustainable Development, in its economic, social and environmental aspects, in the sense of promoting changes in behaviors, promote actions and subsidize decisions in environmental area. Thus, the aim of this Article is to discuss the outcome of a study whose purpose was to identify and evaluate some of the main evaluation methodologies to measure the sustainability of development used in Brazil. The starting point, based on a bibliographic study, promote a comparative analysis of some of the main methods that highlight the local scenery and international, that are the Global Reporting Initiative (GRI), the Sustainability Indicators of the Ethos Institute and the Social Balance of the IBASE.

Keywords: Sustainability; Sustainable Development; Indicators; Systems of Measurement.



1. Introdução

A concepção de sustentabilidade tem, como fundamento, a possibilidade de um desenvolvimento menos agressivo ao meio ambiente. Desta feita, já na década de 1980, começou a se cogitar a possibilidade de um modelo de desenvolvimento que atendesse à necessidade da população presente, garantindo recursos naturais e boa qualidade de vida às gerações futuras. Trata-se, portanto, de um programa de mudança e aprimoramento do processo de desenvolvimento econômico, de forma que ele garanta um nível básico de qualidade de vida para todas as pessoas e proteja os sistemas ambientais e sociais, garantindo assim a qualidade de vida (Donaire, 1999; Kleiner, 1991; Maimon, 1996).

O Desenvolvimento Sustentável foi formalmente apresentado como um novo paradigma na Conferência Mundial sobre Conservação e Desenvolvimento da União Internacional pela Conservação da Natureza (IUCN), realizada no ano de 1986 em Ottawa, no Canadá. No ano seguinte, a Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, sob o tema “Nosso Futuro Comum” (Relatório Brundtland), ratificou o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo aquele capaz de “suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas” (CMMAD, 1991). Nunca é demais lembrar que esta concepção de Desenvolvimento Sustentável foi consagrada na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, balizando o documento conhecido como Agenda 21, um conjunto de resoluções tomadas na conferência internacional em prol da adoção de metas que proporcionem a busca pela sustentabilidade em todos os níveis da sociedade.

A consolidação do conceito de Desenvolvimento Sustentável deu-se através de um longo processo histórico que, ao longo do tempo, incorporou vários novos atores. Inicialmente fruto do pensamento de cientistas e ONG’s, passou a ter entre seus defensores organismos governamentais e empresários. Note-se que, a partir da década de 1990, a empresa produtiva passou a desempenhar um papel importantíssimo no contexto do Desenvolvimento Sustentável.

A partir da perspectiva do Desenvolvimento Sustentável, a concepção de que o objetivo de uma empresa é apenas o lucro parece superada. Atualmente, questões como desenvolvimento econômico, social e ambiental passaram a ter grande relevância e os cidadãos passaram a exigir ações empresariais comprometidas com a ética e com a cidadania. Para atender a essas novas demandas, as organizações precisam oferecer produtos socialmente corretos, estabelecer um relacionamento ético com seus clientes, fornecedores e funcionários, bem como preocupar-se com as questões ambientais e qualidade de vida da sociedade.

O desafio das empresas que buscam o Desenvolvimento Sustentável é encontrar novas formas de operar em harmonia com a sociedade, clientes, governo, fornecedores, e outros stakeholders (partes interessadas), incluindo os concorrentes e o ambiente em que atuam. Nesse sentido, a Agenda 21, em seu Capítulo 30 (Fortalecimento do Papel do Comércio e da Indústria) apregoa a promoção de uma produção mais limpa e da responsabilidade socioambiental empresarial. Em síntese, este capítulo diz que as empresas de um modo geral desempenham um papel árduo no desenvolvimento econômico, social e também podem influenciar na redução do impacto sobre o uso dos recursos e o meio ambiente do país, utilizando-se de recursos mais eficientes que produzam menos resíduos.

Os governos, indústrias e empresas devem fortalecer parcerias para programar os princípios e critérios do Desenvolvimento Sustentável, identificando e implementando medidas regulamentadoras como leis, legislações e normas para promover o uso de sistemas de produção mais limpos, sendo estimulados a informar anualmente sobre seus resultados



ambientais e adotar códigos de conduta que promovam as melhores práticas ambientais (BRAND, 2009).

Em resumo, a incorporação dos princípios do Desenvolvimento Sustentável pelas empresas significa um salto qualitativo de uma abordagem convencional, que vê a questão ambiental como um problema, para uma abordagem consciente, na qual o meio ambiente é uma oportunidade.

Mas como aferir uma empresa está trabalhando em harmonia com os princípios do Desenvolvimento Sustentável? De acordo com Almeida (2002) medir a sustentabilidade, com a finalidade de informar aos tomadores de decisão e responder às expectativas dos seus stakeholders é essencial para as empresas.

Neste contexto, um conjunto de indicadores de sustentabilidade exerce a função de proporcionar às organizações uma espécie de “mapa” a partir do qual se pode acompanhar e aferir o quanto empresas e organizações estão atendendo os pressupostos do Desenvolvimento Sustentável, em suas dimensões econômica, social e ambiental, no sentido de promover mudanças de comportamentos, fomentar ações e subsidiar decisões na área socioambiental.

Este trabalho, com base em pesquisa bibliográfica, tem por objetivo promover uma análise comparativa acerca de algumas das principais metodologias que se destacam no cenário local e internacional, que são: o Global Reporting Initiative (GRI), os Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos e o Balanço Social do IBASE.

2. Referencial Teórico

O Desenvolvimento Sustentável visa o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, o meio ambiente e as questões sociais e uma das conceituações mais utilizadas atualmente é o Triple Bottom Line ou tripé da sustentabilidade, expressão apresentada pelo economista John Elkington (1997). O *triple bottom line* ficou conhecido como os 3 Ps (People, Planet and Profit) pois se manifesta em três dimensões (gente ou capital humano, planeta ou capital natural e benefício econômico) que devem interagir para que atinja um desenvolvimento sustentável.

O *People* refere-se ao capital humano de uma empresa ou sociedade: é sua responsabilidade social. Envolve aspectos como salários justos, adequação à legislação trabalhista, ambiente de trabalho saudável e bom relacionamento com a sociedade no geral. O *Planet* é o capital natural de uma empresa ou sociedade. A empresa ou a sociedade devem pensar em formas de diminuir e compensar seus impactos ambientais negativos. O *Profit* é o resultado econômico positivo (lucro) de uma empresa, sem a qual ela não sobrevive, mas que agora deve levar em conta os outros dois aspectos.

Neste sentido, existem diversas metodologias e ferramentas para se avaliar o desempenho socioambiental de uma empresa. É comum o uso dos “relatórios de sustentabilidade”, resultados de um processo que visa identificar, mensurar, divulgar e prestar contas sobre as ações das organizações com vistas à sustentabilidade. Por meio do seu reporte, as organizações e todos os seus públicos têm em mãos um instrumento que possibilita dialogar e implantar um processo de melhoria contínua do desempenho rumo ao desenvolvimento sustentável. Os relatórios de sustentabilidade valem-se de indicadores.

Para Van Bellen (2005) um indicador é algo que ajuda a entender a situação atual de uma empresa, o quanto ela está atingindo seus objetivos e metas. Um bom indicador alerta para um problema antes que ele se complique e ajuda a reconhecer o que precisa ser feito para corrigir o problema. Indicadores de sustentabilidade indicadores de sustentabilidade refletem a realidade de uma organização em três segmentos diferentes e que estão intimamente interligados, que são seu econômico, social e ambiental. Sua finalidade é mostrar quão bem



um sistema está funcionando. Se há um problema, um indicador pode ajudar a determinar que rumo tomar para resolver a questão. Os indicadores são tão variados quanto os tipos de sistemas que eles monitoram. No entanto, existem algumas características que os indicadores eficazes têm em comum:

- Indicadores eficazes são relevantes; eles mostram algo sobre o sistema que todos precisam saber.
- Indicadores eficazes são fáceis de entender, até mesmo por pessoas que não são especialistas.
- Indicadores eficazes são confiáveis; é possível confiar na informação que o indicador está fornecendo.
- Por último, os indicadores eficazes são baseados em dados acessíveis; as informações estão disponíveis ou podem ser reunidas enquanto ainda há tempo para agir.

O objetivo principal dos indicadores é o de agregar e quantificar informações de uma maneira que sua significância fique mais aparente (QUIROGA, 2001). Os indicadores simplificam as informações sobre fenômenos complexos tentando, com isso, melhorar o processo de comunicação.

Para Tunstall (1992, 1994), os indicadores devem ser observados a partir de suas funções, que são:

- Avaliar condições e tendências em relação a metas e objetivos;
- Permitir a comparação entre lugares e situações;
- Prover informações de advertência;
- Antecipar futuras condições e tendências.

Geralmente os resultados destes indicadores são dispostos em relatórios veiculados por diversos meios, impressos ou eletrônicos, para acompanhar e divulgar os aspectos socioambientais da organização, seus impactos e o que ela faz e pretende fazer em relação a eles.

Os três relatórios de sustentabilidade escolhidos como alvo da análise desenvolvida na presente pesquisa, pelo seu destaque no cenário local e internacional, foram o Global Reporting Initiative (GRI), os Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos e o Balanço Social do IBASE, cujos aspectos conceituais serão apresentados mais adiante.

3. Metodologia

Com o intuito de determinar quais as mais importantes ferramentas de avaliação de sustentabilidade existentes, foram estabelecidos os seguintes objetivos que balizaram os procedimentos metodológicos:

- (1) Contextualizar o conceito de desenvolvimento sustentável;
- (2) Analisar os fundamentos teóricos dos sistemas de avaliação da sustentabilidade;
- (3) Identificar os sistemas de avaliação da sustentabilidade, foco do estudo;
- (4) Elencar as principais características destes sistemas;
- (5) Realizar a análise comparativa.

Para alcançar os objetivos propostos, optou-se por um delineamento do tipo descritivo exploratório, que segundo Cervo e Bervian (1996), procura observar, registrar, analisar e correlacionar fenômenos, sem sua manipulação. Por se tratar de estudo exploratório, não são estabelecidas hipóteses. Vergara (2000) e Gil (1991), definem as pesquisas descritivas



como aquelas que se caracterizam por expor, para fins de análise, as características de um determinado fenômeno ou situação, no presente caso, as os três relatórios de sustentabilidade escolhidos.

De cunho qualitativo e valendo-se de recursos bibliográficos, definiu-se para seu delineamento um arcabouço conceitual orientador, baseado na abordagem triple bottom line, que define uma atuação orientada para a integração dos três componentes do desenvolvimento sustentável.

Após uma vasta revisão de literatura, foi possível elencar as principais características dos três relatórios de sustentabilidade o que serviu de base para o estudo comparativo das suas características, como está descrito a seguir.

A análise está construída traçando um paralelo entre os indicadores socioambientais, do Global Reporting Initiative (GRI) e dos Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos, nas esferas econômica, ambiental e social e seus possíveis desdobramentos a fim de possibilitar um estudo comparativo entre as informações

4. Análise dos resultados

4.1. Descrição de características

a) Global Reporting Initiative (GRI)

Uma importante ferramenta no que diz respeito às diretrizes para o acompanhamento do desempenho socioambiental é o chamado padrão GRI, desenvolvido pela Global Reporting Initiative, uma instituição sem fins lucrativos com sede em Amsterdã, Holanda. Seu foco está na avaliação do Triple Bottom Line, ou seja, por meio de um conjunto de indicadores para cada uma das três áreas (econômica, ambiental e social) é possível mensurar as práticas socioambientais desenvolvidas pelas empresas, com fins de comparação, algo até então considerado muito difícil (FRANÇA, 2007, p. 126-127).

O GRI contempla, entre outros fatores, a avaliação da visão estratégica da organização, seus sistemas de gestão, o engajamento das partes interessadas (stakeholders) e os indicadores de desempenho econômico, ambiental e social (FRANÇA, 2007, 131-135).

Fernando Almeida (2002, p. 154-155) afirma que o GRI é um dos mais consistentes esforços para consolidar as diversas iniciativas já existentes e se chegar a um consenso sobre no que diz respeito aos relatórios de sustentabilidade. Segundo as diretrizes do GRI, os relatórios, além de abranger as três dimensões da sustentabilidade (econômica, social e ambiental) também devem seguir alguns princípios gerais que estão descritos no guia Sustainability Reporting Guidelines (GRI, 2011). Em linhas gerais são os seguintes:

- Ser pertinente em relação à proteção do meio ambiente, à saúde humana e/ou melhoria da qualidade de vida;
- Subsidiar os processos de tomada de decisão;
- Reconhecer a diversidade das empresas;
- Permitir a comparação entre as empresas;
- Ser objetivo, mensurável, transparente e verificável;
- Ser compreensível e significativo para os stakeholders;
- Ser baseado numa avaliação global (holística) da organização. Aspectos com os fornecedores e com os consumidores devem ser considerados.



b) Balanço Social

A contribuição brasileira ao esforço global de formulação e padronização de indicadores de sustentabilidade é o Balanço Social. Por meio dele a empresa demonstra respeito aos direitos humanos de seus colaboradores, bem como sua responsabilidade social perante a atual e futura sociedade. "O Balanço Social é o conjunto de informações com base técnica contábil, gerencial e econômica capaz de proporcionar uma visão da relação capital-trabalho no que diz respeito aos seus diferentes aspectos econômico-sociais" (FREIRE, 1997, p. 4). Teria surgido para atender às necessidades de informação no campo social. Ele "é um instrumento de medida que permite verificar a situação da empresa no campo social, registrar as realizações efetuadas neste campo e, principalmente, avaliar as relações ocorridas entre o resultado da empresa e a sociedade" (LUCA, 1998, p. 23).

É um documento de uso optativo e que pode ser publicado anualmente pelas empresas. No geral, reúne uma série de informações importantes sobre as atividades desenvolvidas pela empresa no que diz respeito às ações de promoção social e humana. São atividades direcionadas aos trabalhadores e também à comunidade na qual a empresa está inserida. É uma forma de prestação de contas à sociedade.

Um modelo de Balanço Social amplamente divulgado no Brasil é o do Ibase, que, segundo seu fundador, o sociólogo Herbert de Souza (Betinho), serve para "demonstrar quantitativamente e qualitativamente o papel desempenhado pelas empresas no plano social, tanto internamente quanto na sua atuação na comunidade" (BALANÇO SOCIAL, 2012). O Balanço Social deverá apresentar informações como: perfil da empresa, setor em que atua, histórico, princípios e valores, indicadores de desempenho (econômico, social e ambiental), bem como as iniciativas de interesse da sociedade.

O Balanço Social não é de publicação obrigatória, mas muito desejável. Além dos ganhos em termos de "capital reputacional" (imagem) que a empresa obtém, sua divulgação permite a comparação saudável entre as empresas em relação à responsabilidade social, além de proporcionar elementos para o estabelecimento de indicadores setoriais nessa área.

Sobre o aspecto econômico, cabe lembrar que grandes bancos e instituições financeiras estão exigindo o Balanço Social para a liberação de empréstimos e outras vantagens.

c) Indicadores Ethos

Outra iniciativa brasileira é a do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social (2012), batizado de "Indicadores Ethos". Estes indicadores são divididos em dois grupos – estágio atual e postura desejada – a fim de que a empresa possa avaliar sua performance e também fazer comparações com o que considera ideal, partindo de um autodiagnóstico que avalia pontos fundamentais da gestão da empresa. A ferramenta é desenvolvida a partir de um questionário on-line que ajuda as empresas a avaliar seu desempenho socioambiental. O documento divide-se em sete grandes temas que são: valores e transparência, público interno, meio ambiente, fornecedores; consumidores, governo e comunidade, e possibilita a elaboração de estratégias e a gestão de metas para o avanço da responsabilidade social. O principal objetivo a ser alcançado pelas empresas adotantes desta ferramenta é a auto avaliação do quanto a sustentabilidade e a responsabilidade social são incorporadas nos seus processos e negócios, apontando oportunidades de melhoria.



Como agente de incorporação de práticas de responsabilidade empresarial, o desenvolvimento dos indicadores Ethos foi marcado por duas fases, sendo apresentado, de acordo com seu grau de adoção de práticas no quesito da formulação de elementos que constituíssem os indicadores. Na primeira fase, compreendida pelo período entre os anos de 2000 e 2006, houve o reconhecimento por parte das organizações empresariais de diferentes portes e setores, que contribuiu para a discussão do tema da responsabilidade social. Tal discussão foi embasada por diversos atores, incluindo a academia, grandes empresas e a grande mídia, o que possibilitou a convergência de diversas perspectivas sobre o tema. O desenvolvimento da discussão sobre a adoção e prática da responsabilidade social pelas empresas possibilitou o amadurecimento da metodologia praticada pelos indicadores Ethos, resultando no surgimento da 2ª geração dos mesmos, marcada pela adoção de um software de preenchimento do questionário avaliativo, ofertado em um sistema on-line. Esta ferramenta possibilitou às empresas adotantes dos indicadores amplo acesso, o que possibilitou sua adoção por toda a cadeia de fornecedores e clientes, atuando assim sobre todo o processo produtivo. Com o crescimento no número de adotantes, e conseqüente impacto sobre os stakeholders envolvidos no processo, foi possível aos indicadores Ethos uma maior precisão, baseada em subsídios mais acurados, que possibilitam a doação de metas e planejamento de ações em prol da sustentabilidade. Atualmente, estudasse a adoção de uma 3ª geração do questionário, fruto do aprimoramento da ferramenta, o que possibilitará maior adequação às necessidades socioambientais observadas no cenário atual.

Desde sua criação, os indicadores Ethos vêm sendo apontados como uma das principais ações para o desenvolvimento de um cenário onde a responsabilidade social pautar a gestão empresarial. Sendo uma ferramenta de fácil adoção, porém de grande abrangência, pode ser utilizada por empresas dos mais diversos portes e setores.

4.2. Análise comparativa

Uma vez explicitadas as principais características dos relatórios de sustentabilidade estudados, foi possível construir um quadro comparativo entre eles, tendo como parâmetro de análise (qualitativa) sua abrangência. Além dos aspectos ambiental, econômico e social, procurou-se identificar também os quesitos “saúde e segurança” e “qualidade”.

ENTIDADE	ABRANGÊNCIA				
	AMBIENTAL	ECONÔMICA	SOCIAL	SAÚDE E SEGURANÇA	QUALIDADE
Global Reporting Initiative (GRI)	x	x	x	x	x
Indicadores Ethos	x	x	x	x	
Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE)	x	x	x	x	

Quadro 1 – Comparação entre os indicadores de sustentabilidade. Fonte: Elaborado pelos autores.

4.3. Resultados preliminares

O modelo de Balanço Social do IBASE contempla os indicadores sociais internos, indicadores sociais externos, indicadores ambientais, indicadores de corpo funcional e informações relevantes em relação ao exercício da cidadania, utilizados amplamente dentro



do meio empresarial e acadêmico por abrangerem aspectos diversos e englobar questões do âmbito da sustentabilidade compreendida como a mais usual, o *triple bottom line*. Trate-se de uma demonstração a ser publicada evidenciando indicadores e informações sobre os projetos, benefícios e ações sociais dirigidas aos empregados, investidores, acionistas e à comunidade, servindo como um instrumento para avaliar e multiplicar o exercício sustentabilidade socioambiental.

Os indicadores de sustentabilidade do Instituto Ethos, por sua vez, apresentam alguns indicadores básicos de desempenho econômico, social e ambiental. Embora faça uma maior abordagem da questão social, o guia do Instituto Ethos também apresenta indicadores econômicos contemplando, portanto, todos os aspectos do modelo sustentável. Mais abrangente, o Global Reporting Initiative (GRI) tem algumas vantagens por ser global, demonstrar e comprovar resultados, tendo facilidade de complementar outras iniciativas.

5. Considerações finais

O presente trabalho apresentou uma análise comparativa entre três sistemas utilizados para mensuração da sustentabilidade socioambiental de empresas: o Global Reporting Initiative (GRI); os Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos e o Balanço Social do IBASE. O objetivo desta análise foi identificar, por meio da análise das metodologias e resultados obtidos pelas citadas ferramentas, o nível de eficácia das mesmas. Tal análise, apoiada em um delineamento do tipo descritivo exploratório, indicou a superioridade do Global Reporting Initiative (GRI) em relação às demais, por ser mais abrangente e apresentar melhores oportunidades de melhoria em temas relacionados à busca pela qualidade de processos e gestão empresarial, além de contemplar os quesitos saúde e segurança, qualidade, aspectos ambientais, econômicos e sociais. Resultantes do fenômeno da globalização, a queda das barreiras nacionais e a possibilidade de atuação de empresas em mercados diversos levou à busca de indicadores de classe mundial, que contemplem a sustentabilidade como elemento fundamental na adoção de estratégias de negócios. O Global Reporting Initiative (GRI) atende à esta premissa, por abranger as três dimensões da sustentabilidade (econômica, social e ambiental).

Como foi exposto ao longo deste trabalho, existe um consenso quanto a necessidade de desenvolvimento de metodologias que permitam uma avaliação da sustentabilidade, não obstante a ampla gama de visões a respeito do próprio conceito de desenvolvimento sustentável, o que leva à existência de múltiplas abordagens na construção dessas metodologias e de seus indicadores. Diferentes esquemas interpretativos relacionados ao conceito ordenador na formulação das ferramentas de avaliação, como também da complexidade do tema resultam em vários conceitos práticos que procuram atender a esta diversidade de cenários.

A despeito das diferenças, vantagens e desvantagens de um sistema sobre o outro, a própria existência de metodologias de mensuração da sustentabilidade constitui um avanço, pois representam uma nova postura por parte das empresas que buscam atender às necessidades de produção limpa e sustentável. Os métodos aqui abordados possuem potencialidades e limitações que, se analisados sob a ótica da multiplicidade de cenários a serem atendidos pela sustentabilidade empresarial, podem oferecer subsídios para estudos futuros que contemplem a construção de esquemas que fundamentem convergência de tais metodologias de avaliação, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de futuras pesquisas neste campo de estudo.



Referências

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BALANÇO SOCIAL. Disponível em <http://www.balancosocial.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em 24 mar. 2015.

BRAND, F. **Critical natural capital revisited**: ecological resilience and sustainable development. *Ecological Economics*, [S. l.]: Elsevier, v. 68, 2009.

CERVO, L. A.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1996.

CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. São Paulo: Atlas, 1999.

ELKINGTON, John Capstone. **Cannibals with Forks: The Triple Bottom Line of 21st Century Business**. Oxford: Oxford Publishing, 1997.

FRANÇA, Marco Aurélio de. **Além do lucro: o desafio da competição responsável**. São Paulo: Saraiva, 2007.

FREIRE, Fátima de Souza. **O balanço social no Brasil: gênese, finalidade e implementação como complemento às demonstrações contábeis**. Fortaleza: Mimeo, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRI – Global Reporting Initiative. **Sustainability Reporting Guidelines**. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/G3.1-Guidelines-Incl-Technical-Protocol.pdf>. Acesso em 24 mar. 2015.

GUIMARÃES, R. P. **Aterrizando una Cometa: indicadores territoriales de sustentabilidad**. Santiago do Chile: CEPAL/ILPES, 1998. (Serie Investigación, Documento 18/98, LC/IP/G.120).

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Indicadores Ethos de Responsabilidade Social**. Disponível em: http://www.ethos.org.br/docs/conceitos_praticas/indicadores/3G/ >. Acesso em: 24 mar. 2015.

QUIROGA, R. **Indicadores de sostenibilidad ambiental y de desarrollo sostenible: estado del arte y perspectivas** (Manuales n. 16). Santiago de Chile: CEPAL, 2001. 116p. Disponível



em: <<http://www.uv.mx/mie/files/2012/10/SESSION-7-Quiroga-Indics-Sost-Amb-y-DS-CEPAL-16.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2008.

KLEINER, A. **What does it mean to be green?** Harvard business review, 69 (5): 38-47, 1991.

LUCA, Márcia Martins Mendes de. **Demonstração do valor adicionado.** São Paulo: Atlas, 1998.

MAIMON, D. **Passaporte verde: gestão ambiental e competitividade.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 1996.

SUSTAINABLE MEASURES disponível em <http://www.sustainablemeasures.com/>.

TUNSTALL, D. **Developing environmental indicators: definitions, framework and issues.** Background materials for the World Resources Institute. In: Workshop on Global Environmental Indicators, December 7-8, 1992, Washington, D.C., World Resources Institute, 1992.

VAN BELLEN, H. M.. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.